

Resumo: O artigo sintetiza alguns grandes momentos da história da economia na Amazônia como: ciclo das drogas do sertão; ciclo da borracha; ciclo da pecuária e da soja. Entre esses há outros momentos marcantes como períodos de mineração e a exploração da madeira. Ultimamente ganha destaque a biogenética.

O conteúdo está inserido na problemática ambiental. Enfatiza como os diferentes momentos da economia não levaram em conta nem a flora e a fauna, nem o milenar habitante da Amazônia: as comunidades autóctones. Levanta a questão da identidade da Amazônia no contexto natural e humano do planeta.

Palavras-chave: Civilização, Amazônia, ambiente, comunidades nativas, ciclos econômicos.

Abstract: The article offers a synthesis of some important stages of the history of economy in the Amazon region such as narcotics, rubber, cattle raising, and soy bean. Among them are to be mentioned intermittent stages of mining and extracton of lumber from forest-trees. Recently attention is drawn to biogenetics. The content is envisaged in the context of the environmental problem, since the various stages of economy did not take into account neither flora, fauna, nor the indigenous habitants who lived in autochthonous communities in the Amazon region during thousands of years. The question being raised concerns the identity of this geographical region as the natural environment of the people living on this side of the planet.

Amazônia

O itinerário da economia

História de saques e violências

*Sebastião Antônio Ferrarini**

* O Autor é Mestre em História do Brasil pela PUC de São Paulo. Natural de Campina Grande do Sul, PR e trabalhando na Amazônia desde 1975, em diferentes períodos. Membro do Instituto dos Irmãos Maristas. Autor de 13 livros sobre a região amazônica. irferrarini@hotmail.com



Passado violento

A partir dos anos 1500 acentua-se o conceito de Ocidente/Oriente e de Norte/Sul. Hoje, no início do terceiro milênio, a distinção, o preconceito, o fosso e as visões dessa dicotomia ampliaram-se. A civilização ocidental ainda se arroga o direito de impor suas matrizes culturais, políticas e econômicas. O domínio truculento da civilização ocidental não conseguiu aniquilar as culturas asiáticas e africanas, mesmo estando muitas regiões asiáticas, e quase toda a região africana, na mais completa miséria. Na América, entretanto, a civilização européia se abateu com tal fúria que, em muitas regiões, as culturas locais foram dizimadas. Ali onde alguns povos conseguiram subsistir, eles até hoje continuam subjugados cultural, política e economicamente. Há esperanças de alguma revitalização no México, Peru e Bolívia. Na Amazônia, o impacto das civilizações foi ainda mais tormentoso, com o aniquilamento total de dezenas de nações autóctones. O impasse continua: chegará o momento em que as civilizações poderão conviver em paz, partilhando suas experiências, respeitando seus estilos de vida?

1. Colonialismo: a força de ser Ocidente e Norte

Os europeus chegaram à Amazônia conduzidos por uma mentalidade de dupla superioridade: eram ao mesmo tempo de uma civilização do Ocidente (contrária a Oriente) e do Norte (contrária a Sul). Certos de que eles detinham o paradigma universal da cultura, exerceram todo tipo de influência para inserir as outras realidades humanas e naturais em sua própria cultura.

Na América, o colonialismo europeu deparou-se com alteridades difíceis para eles de serem partes de um diálogo, de intercâmbio, de contatos enriquecedores. A alteridade para o europeu sempre foi um desafio, como continua a ser hoje para o que foi chamado primeiro mundo¹. O Novo Mundo representou para a civilização européia um vasto campo a ser explorado em seu benefício.

Desde o primeiro contato com a realidade Amazônica, o colonizador só pensou em impor a sua cultura, o que significou um acelerado

1 Bartolomé de Las Casas fez um esforço enorme para explicar a dimensão cultural dos autóctones ameríndios em Valladolid. Cf. Obras Completas. Madrid: Alianza Editorial.



processo de aniquilação do cenário humano e natural amazônico. A integração compulsória dos povos e das potencialidades econômicas da região introyetou desde o início a morte no cenário local. O europeu desempenhou na Amazônia uma postura antropofágica/canibalesca, devorando com seu sistema político-econômico, só nos primeiros 50 anos de dominação, alguns milhões de autóctones². Graças à *civilização da barbárie*³, a Amazônia foi forçada a apresentar um cenário europeu e a construir uma cultura reflexo da cultura Ocidental-Norte⁴.

Alguns mitos logo se criaram. Um deles era o de que a Amazônia era (é) um grande vazio demográfico. Portanto, espaço infinito para a ocupação da “civilização européia”. Esse mito irá provocar, de um lado, a aniquilação de grande parte dos povos amazônicos e, de outro, o assentamento de núcleos populacionais de viés europeu/ocidental durante toda a história amazônica construída pelo adventício. A história da Amazônia não começa, porém, com a chegada dos colonizadores. Ela tem milhares de anos. A colonização interrompeu essa história e a ignorou, já que, para ser história verdadeira, todo povo devia ter Rei (R), Lei (L) e Fé (F); as letrinhas mágicas da civilização imposta na região.

Esses mitos, de ausência na região amazônica de uma civilização, de uma história, de uma cultura, darão razão a toda a intervenção que se operou (se opera) na região. Ao mesmo tempo em que o etnocentrismo da civilização adventícia se impunha a ferro e fogo, ela sabia tirar da cultura local todo o saber capaz de lhe dar proveito e lucro⁵.

O negócio colonizador na Amazônia, desde o início até os dias atuais, caracterizou-se pelo extrativismo. Este ciclo teve momentos altos nos anos 1600-1800. Mas, mesmo surgindo outras atividades, poste-

-
- 2 Segundo João Daniel, o sistema colonizador teria devorado uns três milhões de nativos, sobretudo do Rio Negro. Cf Tesouro descoberto no Rio Amazonas (2 volumes), Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976.
 - 3 Theodor Koch-Grunberg faz sutis denúncias do que seja a civilização para o interior da qual se quis introduzir compulsoriamente os nativos. Cf. Dois anos entre os indígenas, Manaus: FSDB/EDUA, 2005.
 - 4 Santos, Boaventura de S. A gramática do tempo. Parte II. A construção de mundos pós-coloniais, São Paulo: Cortez, 2006.
 - 5 Pilar G. Jordan faz uma breve relação dos mitos que se criaram em relação à Amazônia em seu artigo “Una mirada al pasado. Procesos de cambio hasta la actualidad”, In Les veus de l’Amazônia. Present i futur dels pobles amazònics i el seu entorn, Barcelona: 2005.



riormente, com maior importância, o interesse pelas coisas da floresta nunca desapareceu.

2. Estratégias de ocupação do espaço

Facilitada a sua presença na região amazônica por conta da União Ibérica (1580-1640), na prática caducou o Tratado de Tordesilhas (1494). Fazendo caminho inverso ao de Francisco Orellana (1540), Pedro Teixeira (1637) sobe o Amazonas, Solimões, Napo e Aguarico, até atingir Quito. Esses primeiros devassamentos começam a demonstrar aos povos nativos o viés bárbaro da civilização que chegava. Politicamente, Portugal se impunha na região, já que Teixeira coloca um padrão de posse na foz do Aguarico. Para esses empreendimentos os expedicionários se serviram da mão-de-obra autóctone. Portugal logo viu a importância dos rios para a região e o Amazonas foi considerado a *Estrada Real*.

Para defender o que considerava território seu, Portugal se utiliza de muitas estratégias, comuns também aos outros impérios:

- *construção de fortes ao longo da fronteira* (ainda imprecisa) Norte e Oeste: Presépio (Belém), São José de Macapá, São Joaquim de Marabitanas, São Francisco Xavier no Alto Solimões, Príncipe da Beira no Guaporé, entre outros. Isso inibia a cobiça pelas riquezas da região por parte de ingleses, franceses, holandeses e espanhóis.
- *casamento de nativas com soldados lusitanos*: garantindo assim a ocupação do espaço geográfico. Com essa estratégia favorecia-se o surgimento da incipiente malha urbana da Amazônia e se tentava garantir o sustento com o início rudimentar da agricultura. Outrossim, será argumento forte, mais tarde, a favor de Portugal no estabelecimento das fronteiras (*uti possidetis*).
- *estabelecimento de missões*. As missões religiosas tiveram um primeiro período profético, já que não tinham tanta vinculação com o modelo colonizador. Mas logo terão que se alinhar à metrópole com a sua meta de *dilatar a fé e o império*. Para dirimir as desavenças entre os grupos que se estabeleciam ao longo da calha do Amazonas e de seus afluentes, a Coroa organiza o território missionário⁶. Assim caberá aos Jesuítas a banda Sul do Amazonas e seus grandes afluentes; aos Mer-

6 Reis, Arthur C. F. A conquista espiritual da Amazônia, São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.



cedários a região do Rio Urubu; aos Carmelitas o Rio Negro e Solimões; aos Capuchinhos e Franciscanos de diferentes províncias portuguesas, o Cabo Norte e a banda setentrional do baixo Amazonas. Todas essas Ordens poderiam ter casas de apoio em Belém.

- *vigilância dos portos*, visando controlar o trânsito de pessoas. Os séculos XVII e XVIII ainda estão tomados pelas disputas religiosas entre os impérios católicos e protestantes. Não se concebia coexistirem dois credos dentro de um mesmo espaço geográfico. Era necessário vigiar os portos dos rios amazônicos para impedir a entrada de hereges, sobretudo holandeses e ingleses. O porte de bíblia já era sinal da presença de algum protestante!
- *criação do Estado do Grão-Pará e Maranhão*, desvinculado do Estado do Brasil. No Norte, o centro político foi São Luis do Maranhão e depois Belém. Belém despontou como uma grande praça arquitetônica⁷, administrativa e comercial. Essa região só se integrará realmente ao Brasil depois da Cabanagem (1835-1840)⁸.
- *submissão dos nativos*, considerados bárbaros. Por motivos vários, a escravidão negra foi pouco significativa para a economia na região Norte. Entretanto, o sistema utilizou-se em larga escala da mão-de-obra local, representada pelas centenas de povos nativos. Os nativos foram tratados como povos bárbaros, sem história, pagãos, mas forçados a serem súditos do rei. Isso significava tornarem-se cristãos, faladores do português, moradores em povoados e/ou vilas com arquitetura européia e, no cotidiano, usarem de todas as etiquetas dos *civilizados*.

3. Concepções sobre Amazônia

Quando se fala em Amazônia, há os que pensam logo no Amazonas (Estado do Amazonas) e há os que pensam em Brasil. Entretanto a Amazônia é uma realidade muito mais ampla do que isso. Ela é uma vasta região da América do Sul que se estende por nove países. No Peru

7 Tocantins, Leandro. Santa Maria de Belém do Grão-Pará, Rio: Civilização Brasileira/Brasília:INL, 1976.

8 Rayol, Domingos A.. Motins Políticos. Belém: UFFPa, 1970.



corresponde a cerca de 60% do território, e na Bolívia a cerca de 40%. É importante ter isto em mente quando se pretende pensar a Amazônia em termos de ambientalismo, de culturas locais, de políticas preservacionistas, em termos de geografia, de história etc.

Outro erro é reduzir a Amazônia a uma imensa floresta exuberante de sete milhões de quilômetros quadrados. A Amazônia contém florestas de terra firme, vegetação de várzea, porções de campos naturais, savanas, florestas até cerca de três mil metros de altitude. Portanto, é um riquíssimo complexo de ecossistemas que abrigam uma variedade infinita de espécies vegetais e animais. Seguindo o atual ritmo de devastação da região, muitas espécies desaparecerão sem que a humanidade as conheça. Do ano 1500 até 1970, foram destruídos cerca de 2% da vegetação amazônica; e só nos anos 1970 aos nossos dias 17%⁹!

Temos que considerar ainda que a maior parte dos grandes rios tributários do Solimões-Amazonas tem suas nascentes fora do Brasil: Negro-Branco, Japurá, Içá, Juruá, Purus, Madeira, sem contar o próprio Solimões. Suponhamos que o Brasil zele muito pela preservação desses rios. Tal medida terá um resultado relativo se as nações vizinhas não tiverem a mesma postura. Dos rios que vêm do Peru o Brasil recebe uma quantidade enorme de dejetos poluentes, contaminando boa parte dos rios Javari, Solimões e do Rio Madeira.

4. Uma economia pensada para fora

a. As drogas do sertão

Este ciclo substituiu a atividade comercial de Portugal no sudeste asiático, interrompido quando despontou a supremacia dos otomanos, por terra, e a marítima dos Países Baixos e da Inglaterra. Dificultada, assim, grandemente, a atividade de Portugal na Índia, China, Ilhas do Pacífico, Portugal, que já vinha solidificando sua presença na costa Atlântica da América do Sul, se estabeleceu também na foz do Amazonas no início do século XVII. As estratégias que elencamos acima, vão sustentar esse primeiro ciclo de exploração na região.

Os produtos tropicais eram muito valorizados e procurados em Portugal e na Europa. Assim, foram ganhando importância as ervas e essências medicinais, aromáticas e culinárias; as frutas, peixes, animais para

9 Os pobres possuirão a terra. Pronunciamento de bispos e pastores sinodais sobre a terra. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2006.



alimentação; madeiras, fibras, óleos vegetais e animais para construção, utensílios e serviços; plantas, peixes e animais ornamentais etc.

Esse primeiro ciclo econômico devastou a Amazônia em diversos sentidos. A colheita de diversos produtos foi tão intensa, que a Metrópole teve de baixar medidas disciplinando a sua extração.

A mortandade de peixes e quelônios foi tanta que muitas espécies foram, ainda no período colonial, ameaçadas de extinção. A tartaruga foi caçada intensamente, pois era considerada a vaca amazônica pela carne que oferecia e pelo óleo ou manteiga extraídos de seus ovos. A carne era consumida, sobretudo nos núcleos urbanos e nos postos militares de fronteiras. A manteiga (óleo) era usada seja na culinária seja para a iluminação pública.

Os peixes, sobretudo o peixe-boi e o pirarucu, constituíram a grande fonte fornecedora de carne (salgada) para consumo local, dos centros urbanos e postos militares. Em algumas regiões existiam os pesqueiros reais onde era empregado grande número de nativos para a captura e salga dos peixes.

Naturalistas, como Spix e Martius¹⁰ puderam constatar a devastação que estes tabuleiros (praia de desova) e pesqueiros ocasionavam para a região.

b. O recurso ao braço do nativo

Para a coleta desses produtos, o arrivista contou com a mão-de-obra local. Esta era considerada abundante e foi logo reduzida a trabalho forçado: como escravos, como servos, como minimamente assalariados. Foi tão intensa a procura de braços nativos para os trabalhos, que milhões foram mortos na primeira centúria colonizadora. O português não vinha como trabalhador, mas como chefe de empresa. Por isso, o escravo ou o nativo eram as mãos e os pés de seu senhor. Ou seja, faziam tudo. Cada colono usava de toda artimanha possível para conseguir escravos e/ou servos autóctones. Assim, um o servia para a pesca, outro para os afazeres domésticos, outro para a agricultura etc.

O colonizador via o nativo como um bárbaro. Precisava a todo custo *civilizá-lo*. Embutida na idéia de civilização, vinha a sua submissão como trabalhador. A economia local pôde se desenvolver graças ao saber e aos braços do nativo. Para reduzi-lo a escravo, eram usadas as *tropas de resgate*, as *guerras justas* e depois outros artifícios. O conflito que se

10 Viagem pelo Brasil, vol III, Rio: Imprensa Nacional, 1938.



estabelece com os missionários, sobretudo os jesuítas, era porque estes se opunham a determinadas políticas em relação à mão-de-obra nativa. A economia local subsistiu pelo suor e sangue dos autóctones.

A política começava com os descimentos e a organização de povoados ao longo dos rios de maior comunicação. Até por volta do ano 1760, esses aldeamentos eram dirigidos pelos missionários. Depois dessa data, com a política de Pombal implementada na região pela habilidade de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, os aldeamentos foram secularizados e confiados a leigos. Foi uma política desastrosa, tanto do lado lusitano como do castelhano. Diretores de péssima índole se arvoravam em plenipotenciários, explorando os nativos a seu bel prazer.

Além do uso da força nativa para a coleta das drogas do sertão e no serviço de comunicações pelo emaranhado dos rios e nos afazeres domésticos, o silvícola passou a constituir mão-de-obra operária nas construções urbanas das principais praças da região. Os encarregados das Diretorias de Índios deviam fornecer, de tempos em tempos, determinado número de aldeados. Estes eram, depois de cerca de seis meses, substituídos por outros, a fim de que pudessem plantar suas roças e cuidar de sua família.

Com o tempo procurou-se o nativo para outras atividades. Começaram a ser utilizados na marinha. Ao tempo da guerra do Paraguai, dizem alguns registros que o Amazonas teve de arcar com boa parte da guerra, enviando grandes contingentes de soldados. Estes eram, sobretudo, autóctones. Mas o modo como eram recrutados era aviltante. Eram caçados pelo interior, conduzidos a ferros e correntes para as cidades e enviados, neste estado, compulsoriamente para os campos de batalha. Tudo indica que também foram utilizados na fratricida guerra de Canudos.

Durante a Cabanagem (1835-1840), os nativos, agora ao lado dos pobres, escravos, ribeirinhos, lutaram pela liberdade, pela reforma agrária, pela libertação dos escravos, contra o domínio estrangeiro na Amazônia.

Um capítulo também triste nesse período e nesse sistema econômico, foi o da exploração de curumins e cunhatãs (crianças nativas). Assim como se encomendava aos regatões¹¹ de trazer do interior da Amazônia uma arara, um papagaio, um macaco, também se encomendava uma

¹¹ Goulart, José A. Regatão, o mascate fluvial da Amazônia, Rio: Conquista, 1968.



criança de algum povo nativo. Esta era usada nos serviços domésticos das elites das cidades.

c. O período gomífero

A economia na região amazônica, no período que medeia os anos 1800-1850, caracterizou-se por uma incipiente agricultura e pecuária em algumas regiões e a continuidade do extrativismo. Com a descoberta das inúmeras aplicações da goma elástica, desde antanho conhecida pelos autóctones da América Central e do Sul, houve uma segunda avalanche humana sobre a Amazônia brasileira, colombiana, peruana e boliviana. Agora se explorou tanto a mão-de-obra nativa como, no caso do Brasil, da nordestina. Acredita-se que nos dois principais momentos do ciclo gomífero (1870 e 1940), tenham chegado à Amazônia cerca de 300 mil nordestinos. Eles saíam de uma região pobre e seca e eram colocados numa região pobre e úmida. A principal região de exploração do látex foi a bacia do rio Purus e, nesta, principalmente o Alto Purus (sobretudo os rios Acre, Iaco e outros)¹². Os arigós chegavam na condição de brabos, até conhecerem bem o ofício e os tormentos do isolamento, das malárias, da ausência de mulheres etc e se tornarem mansos. Um seringueiro solteiro tinha muito menos despesa do que um casado (com mulher e dois filhos).

Nesses períodos os nativos são novamente subjugados. Peruanos e colombianos espalharam o terror nos altos rios amazônicos. Os nativos destas regiões foram submetidos a mais dura escravidão e violência¹³. A situação tornou-se tão dramática que o Vaticano enviou um emissário para examinar a situação. Do seu relato resultou um documento intitulado *Lacrimabili statu indiorum*¹⁴. Os seringalistas brasileiros também exploraram muito o braço nativo. Os próprios nordestinos vinham imbuídos de forte mentalidade anti-nativo. Só no Rio Purus, que se acredita existiam cerca de 40 mil habitantes antes da invasão seringalista (1850), em pouco tempo foram reduzidos a uns 8 mil¹⁵.

12 Ferrarini, Sebastião A. Transertanismo. O sofrimento e a miséria do nordestino na Amazônia, Petrópolis: Vozes, 1978.

13 Collier, Richard. Jaque al Barón. La história del caucho en la Amazonía, Lima: CAAP, 1981.

14 Revista IPAR (Amazônia em outras Palavras) Ano V, n 8, Belém: 2003.

15 Kroemer, Gunter. Cuxiuara, o Purus dos Indígenas, São Paulo: Loyola, 1985.



Esse ciclo econômico foi muito importante para o Brasil. Em algumas décadas, a borracha chegou a representar para a economia nacional quase a mesma importância do café.

A Amazônia passa então a ser redescoberta. No primeiro momento da colonização, não excitou tanta cobiça pelos impérios, porque não foi descoberto ouro. Depois, a fronteira amazônica acabou sendo região de refúgio de povos prescindidos em seus países (quarto de despejo). À época das nascentes repúblicas, a Amazônia foi ignorada. Para o império brasileiro, igualmente, a Amazônia foi desprezada. Um deputado, quando discursava sobre a situação da região, foi interpelado por outro parlamentar: “Onde é essa Amazônia de que o nobre deputado tanto tem falado?”.

Não foram somente os nativos e nordestinos que padeceram nesse período econômico. Em muitos lugares, para se extrair o máximo de leite tanto da *hévea* quanto do *caucho*, a árvore era simplesmente morta.

Oswaldo Cruz, percorrendo os rios Juruá e Purus no início dos anos 1900, quando ainda era promissora a atividade de extração do látex, pôde constatar a condição miserável dos seringueiros, abatidos pelo sistema econômico implantado e pelas doenças (malária, beribéri). A algumas cidades e vilas denominou-as de pequenas necrópoles¹⁶.

Com o advento da produção gomífera do sudeste asiático, este ciclo econômico amazônico entra em decadência.

d. A economia amazônica no século XX

A cobiça internacional sobre o território amazônico não é coisa recente¹⁷. Em meados do século XIX, sobretudo os norte-americanos, fizeram uma grande pressão pela abertura da Amazônia ao mundo. Um primeiro passo seria a abertura dos rios da região à navegação internacional. O Império cede e o Amazonas é franqueado às bandeiras do mundo em 1866¹⁸.

16 Sobre o Saneamento da Amazônia, Manaus: Philippe Daou, 1972.

17 A tentativa de estabelecimento ianque na região durante o período imperial foi muito forte. Arthur Reis. A Amazônia e a cobiça internacional, Rio: Cia Ed. Americana, 1972.

18 Monteiro, Mario Ypiranga. Histórico do monumento da Praça São Sebastião, Manaus: 1972.



O interesse pelos produtos da natureza amazônica continua. Durante a segunda guerra mundial (1939-1945) há uma tentativa de reativar a produção gomífera. Cria-se então a figura do *soldado da borracha*. A presença ianque se acentua.

Será nos anos 70, graças ao modelo econômico implantado pela ditadura, que a Amazônia sofrerá um grande impacto social. Entre outros refrões propalados dizia-se: *terra sem homens para homens sem terra*. Repete-se o antigo mito de que a região é um vazio demográfico. Que densidade demográfica suportará a Amazônia para não perder a sua identidade no conjunto dos cenários culturais e naturais?

Surgem nessa época as chamadas “novas fronteiras”, sobretudo no sul do Pará, norte de Mato Grosso, Rondônia e sul do Acre. Esse ciclo demanda a abertura de estradas. Estas são traçadas desrespeitando as terras dos povos nativos. Organizam-se pólos de desenvolvimento. Estes são implantados com graves atritos com as comunidades autóctones. Os nativos são vistos pelo sistema como obstáculo à ocupação de uma área anecúmena (!). São pensadas estratégias para assimilar os povos nativos de modo que, em poucos anos, eles já estariam integrados à civilização (que civilização?)¹⁹. Como se vê, através de toda a história, o modelo de civilização se repete: é uma civilização que não consegue conviver com o diferente. Ela traz consigo um modelo de cultura, de progresso e de desenvolvimento eivado de morte, como é todo modelo capitalista, neoliberal. Os nativos, os pobres, os ribeirinhos e a própria natureza foram vistos como inimigos que dificultam o progresso, que atrapalham, que devem ser removidos. Nos anos 60, um presidente veio inaugurar uma estrada. É então derrubada a última grande árvore que *impedia o avanço do desenvolvimento*. Ele passa altaneiro, por sobre o grande tronco tombado, simbolizando a dominação do homem sobre a natureza inimiga. Nem se fale das comunidades selvícolas, que em muitos lugares a “civilização” removeu com bombas, roupas e alimentos envenenados, helicópteros etc.

Um capítulo à parte caberia à exploração dos recursos minerais. O solo amazônico contém um potencial incalculável de minérios. Os mais conhecidos e explorados são: bauxita no Rio Trombetas, ouro na Serra Pelada e em muitos outros rios, cassiterita em Rondônia, ferro em Carajás, manganês no Amapá, gás em Coari etc. A exploração desses

¹⁹ Ribeiro, Darcy. Os Índios e a civilização, Rio: Civilização Brasileira, 1970.



minérios abriu chagas impressionantes na floresta, com pouco ou nenhum cuidado com a recuperação do ambiente.

Projetos gigantescos foram pensados para a região como o Projeto Jari, na divisa entre Pará e Amapá. Ali, pasme-se, grande extensão da floresta foi derrubada para o plantio de pinus e eucalipto!!!

e. O agro-negócio

Foi sobretudo a partir dos anos 70, que grandes extensões da Amazônia passaram a ser devastadas para a monocultura da soja. Sabemos que nem todas as terras da vasta bacia amazônica são propícias à agricultura. O uso intenso do agro negócio monocultor tem mostrado a sua face criminosa com relação ao meio ambiente. O caso do Pantanal é típico. A agricultura e a pecuária no Mato Grosso do Sul provocaram e provocam erosão em larga escala, o que leva ao assoreamento dos rios da bacia platina. Grande número deles divaga pela extensa planície, desconfigurados, provocando uma fatal intervenção na fauna e na flora. Na Amazônia, as chuvas tropicais torrenciais erodem o solo, provocando lixiviação acelerada. O sistema econômico das populações tradicionais não causava este grave problema porque a derrubada era feita numa área bem restrita, sem a tecnologia usada para solos com uberdade mais profunda. Abandonados sazonalmente estes sítios, a mata se recompunha rapidamente. Esse fenômeno tende a não ocorrer no atual modelo, e por isso se fala em desertificação.

A monocultura da soja avança barbaramente pelo sul da Amazônia, numa volúpia incontida pelos órgãos que deviam fiscalizar e punir o desrespeito pelas leis vigentes, pela falta de ética na relação com o meio ambiente e com as populações autóctones e tradicionais. O agro-negócio tem infelicitado a vida das comunidades quilombolas, dos nativos, dos ribeirinhos e da fauna e da flora. Os poderes na região estão mancomunados de sorte que a violência campeia desfraldada.

Ao lado da soja, grassa o avanço da pecuária. O trinômio desmatamento-soja-gado, implantado de maneira truculenta na Amazônia, e avançando sem controle, provoca grande repulsa por parte dos/das que lutam pela qualidade de vida em sua plenitude. Os mártires estão aí a dar força aos movimentos que desejam vida plena para todos.

O historiador latino Plínio é autor da célebre frase: *Latifundia perdidere Italiam*. No congresso brasileiro se discutiu ser crime hediondo



a invasão de latifúndio. Será que hediondo não é o próprio latifúndio? Já o profeta Isaías denunciava: *Ai dos que ajuntam terra a terra* (Is 5,8), roubando do pequeno, para aumentar o seu já desmedido território. Qual o futuro da Amazônia desmatada, pecuarizada, sojicizada?

f. Outros aspectos da economia na Amazônia

O **turismo** ganha destaque na região. E, de fato, a Amazônia possui cenários deslumbrantes. Mas é preciso verificar que tipo de turismo se incentiva. Muitas vezes ele vem acompanhado de forte apelo sexual. A região se torna refúgio camuflado de exploração sexual, inclusive de crianças e adolescentes.

Acredita-se, cada vez mais, que a grande importância da Amazônia, daqui para frente, não será tanto o minério, a madeira, a soja, o gado... mas a **biogenética**. Haverá uma luta pelos direitos de propriedade intelectual. No mundo ganha destaque a ciência da vida, a biotecnologia. Boaventura destaca: “Para as empresas farmacêuticas e de biotecnologia, a biodiversidade aparece, cada vez mais, no centro dos desenvolvimentos mais espetaculares e mais lucrativos de produtos das próximas décadas. De modo geral, a biodiversidade está hoje concentrada nos países do Sul global e predominantemente em territórios que pertencem historicamente aos povos indígenas. Enquanto os países tecnologicamente avançados procuram alargar os direitos de propriedade intelectual e o direito das patentes à biodiversidade, alguns países periféricos, movimentos sociais e organizações não-governamentais têm procurado garantir a conservação e reprodução da biodiversidade através da atribuição de um estatuto especial de proteção aos territórios, modos de vida e conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas e camponesas. É cada vez mais evidente que as novas clivagens entre Norte e Sul se concentrarão na questão do acesso à biodiversidade em escala global”²⁰.

Futuro sombrio

Vemos que a Amazônia responde, infelizmente, ao saber do Norte e do Ocidente. Como muitas outras regiões do planeta, é vista a serviço dos que comandam cultural, social e economicamente o mundo e que

²⁰ Boaventura, op. cit. p. 221.



têm suas matrizes lá na zona boreal e ocidental. A Amazônia sempre foi vista numa ótica de inferioridade; o selvagem é o lugar da inferioridade²¹, assim como o caboclo, o ribeirinho, o posseiro. O Norte e o Ocidente acham que têm a missão de domesticar, civilizar, o cenário amazônico! A convivência com a pluralidade cultural, com estilo de vida diferente, sempre foi e é um desafio ao ser humano.

Existem experiências de atividades econômicas que mostram a possibilidade de viver bem na Amazônia, sem agredir mortalmente o ambiente. Diversas comunidades estão explorando as potencialidades das frutas nativas, com mercados consumidores, inclusive, fora da Amazônia. Há comunidades protegendo os lagos, combatendo a pesca predatória e zelando para que esses ambientes continuem com sua vocação de reprodução da fauna aquática. Exemplo, inclusive destacado pelo geógrafo Azziz Ab'Saber²², de convivência com o ambiente, é o Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado), situado na fronteira entre Rondônia e Acre.

Ultimamente, as previsões para o Planeta Terra são sombrias. A mídia tem destacado a hecatombe que se avizinha, não para daqui a mil anos, mas para a próxima geração.

É fundamental compreender a Amazônia como uma realidade de identidade própria, que tem sua vocação no Planeta Terra. E, como ensina Edgar Morin²³, toda educação, hoje, deve ser uma educação planetária. Zelar pela Amazônia é contribuir para a saúde do Planeta todo.

A Campanha da Fraternidade de 2007 – *Fraternidade e Amazônia / Vida e missão neste chão* – certamente provocará boas reflexões e despertará ações em prol da vida na Amazônia e, por extensão, no planeta.

Endereço do Autor:

irferrarini@hotmail.com

21 Idem, *ibidem*, cap. 4 e 5.

22 Problemas da Amazônia Brasileira, in USP, Estudos Avançados, 53. Dossiê Amazônia Brasileira, 1, São Paulo: 2005.

23 Os sete saberes necessários à educação do futuro, S.Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2000.